

A Escolha

O João Paulo não sabe o que fazer da sua vida. Pela primeira vez, nos poucos anos da sua vida, pois é um rapaz de vinte anos, tem a oportunidade de arranjar uma miúda para namorar, quando se lhe depara este problema: ter que escolher. Porque das muitas colegas que conhece na universidade, duas estão interessadas nele, ele sabe-o, e ele não pode continuar nesta indefinição ou hesitação, tem de se decidir por uma, e o seu coração não sabe como decidir. A escolha é muito difícil.

A Isabel é, aparentemente, uma rapariga alegre, extrovertida, não muito bonita de cara, mas com um corpo formoso, mesmo elegante, quase tão alta como ele. Não é boa estudante, disso já ele se apercebeu, mas é uma estudante razoável, com altos e baixos nas suas notas. Tem uns olhos verdes estranhíssimos que iluminam o seu rosto, quase o tornam bonito, como se incendiassem as redondezas com um fogo sabe-se lá vindo de onde.

A Carmo é uma moça mais circunspecta, fala pouco, veste-se mal, ou é um pouco antiquada no que respeita às roupas que usa, mas o seu rosto é muito bonito, de uma serenidade quase religiosa, como se fosse uma Virgem daquelas que se encontram nos altares das igrejas católicas. Boa estudante, das melhores do seu curso. E sempre com uma certa tristeza no seu olhar, mansamente sorrindo à vida que passa.

O João Paulo não sabe o que fazer. Gosta das duas, mas sabe e compreende que não pode ser o namorado ou o futuro companheiro das duas, que tem que escolher entre duas mulheres cujos traços não são assim tão distintivos que permitam uma escolha fácil. Por isso falou, muito casualmente, sobre o assunto, com os pais. Primeiro com o pai, depois com a mãe.

Pela descrição mais ou menos detalhada que fez das duas raparigas, o pai escolheria, segundo ele, a Carmo, pois lhe parecia a melhor companheira para uma vida em comum com algum conforto, pensando que, só pelo facto da Carmo ser boa estudante, lhe daria a ela a oportunidade de adquirir, mais tarde, uma boa situação no mundo do emprego, e, por conseguinte, na sociedade. A mãe, pelo contrário, preferiu a Isabel. Pensava que a boa disposição era uma coisa muito importante, e que uma mulher que intelectualmente estivesse ao nível do seu filho não seria motivo para futuros problemas de identidade ou de quem é quem no seio da família.

João Paulo compreendeu imediatamente, depois de consultados os pais, que cada um tinha escolhido de acordo com a sua experiência, mas que essa experiência, em certo sentido, condicionava a escolha. O pai preferia a Carmo porque teve em conta a vida difícil que eles, como família, tinham, já que a mãe de João Carlos não trabalhava, e ele próprio não podia dizer que tinha um bom emprego. Dar um curso superior ao filho era uma autêntica façanha. Além disso a Carmo era uma rapariga bonita sem ser espampanante, o que, em princípio, agradava a qualquer homem. E o facto de ser pequenina não queria dizer nada. A mãe escolheu a Isabel porque se sentiu mais próxima do retrato que o filho fez dessa jovem, cheia de vida e de alegria, sem se importar muito com os aspectos físicos, temendo sobretudo ver o seu filho numa posição um pouco subalterna em relação à suposta superioridade da Carmo.

Não foi difícil a João Paulo compreender que os motivos da escolha dos pais obedeciam a estruturas mentais da sua geração, e até sentiu, em certo sentido, que a escolha que eles fizeram não era muito previsível. A Carmo deveria, não sabe porquê, mas é o que lhe parece, agradar a sua mãe, e a Isabel deveria ser a preferida do seu pai. Mistérios da natureza humana!

Só que o problema permanecia. Os temores da mãe pareceram-lhe infundados, sem razão de ser, e a visão do pai, quando ao futuro promissor de uma boa estudante, era um pouco ingénuo, pois ele conhecia, mesmo com a sua pouca idade, tantas pessoas que tiveram sucesso na vida sem serem bons estudantes, enquanto antigos bons estudantes nadavam na mediocridade da economia nacional. Que fazer? é pois a pergunta que o consome. Que decidir? Como resolver o problema?

João Paulo descobre que não pode decidir. Seria uma injustiça para com as duas colegas. A melhor coisa seria pois aceitar o acaso. Não porque ele pense que a vida das pessoas, o seu destino, é uma fatalidade, mas porque escolher uma das duas moças seria um acto de uma injustiça flagrante. Ambas são dignas de compartilhar a sua vida. Melhor, muito melhor, pensa então, será ser escolhido, deixar a ocasião chegar em que uma das colegas terá a coragem de se declarar. A primeira que o fizer será a sua própria escolha.

A Falta de Inspiração

Ele, o escritor, tinha um problema, e um problema sério, mesmo grave. Tinha prometido ao seu editor escrever um conto, um conto minúsculo, duas ou três páginas, para um livro de contos de vários autores a aparecer na próxima Primavera, mas a verdade é que as semanas foram passando e até agora nada. É claro que o escritor sabe muito bem o que é um conto, essa pequena história que, em princípio, deverá acabar de uma maneira surpreendente, mas agora de nada lhe serve o seu saber. Quando se aproxima do computador para escrevinhar algumas frases, fica perplexo e sem saber o que fazer ou o que escrever, como se a ideia de uma história não lhe acesse à imaginação, como se a sua imaginação não soubesse mais contar uma história. Uma história simples, uma história engraçada, foi o que pediu o seu editor, e até agora nada.

O problema estava todo em inventar. Em criar uma ou duas personagens, e depois, com as personagens, estabelecer uma história, um acontecimento, um facto. Ele, o escritor, andava de um lado para o outro na grande sala onde trabalhava, à procura de uma ideia, e essa ideia não surgia, não aparecia na sua cabeça com os contornos definitivos do que pode ser contado. O escritor não podia compreender o que lhe estava a acontecer. Tantos anos de vida, pois já não era novo, com tanta experiência vivida em tantas partes da terra, e nada. Uma verdadeira aflição. Que vou fazer, dizia ele no silêncio da sua consciência, que vou fazer? Como vou resolver este problema? E lembrava-se da facilidade com que tinha aceitado o trabalho, do pouco caso que tinha feito da proposta quando o seu editor a tinha proposto.

A verdade, porém, é que ele nunca tinha escrito um conto. Sabia já o que era um romance, pois tinha já um romance publicado, e muita poesia, mas um conto, um conto nunca tinha escrito. E passeava ao longo da casa, indo de quarto em quarto, olhando os objectos, tentando ganhar inspiração nas coisas da realidade à volta, tentando lembrar-se de episódios da sua vida capazes de lhe darem uma ideia, um motivo, um começo. Nada.

Da janela via algumas crianças que brincavam na rua, ainda pensou escrever um conto sobre a sua infância, sobre a sua adolescência, ou mesmo sobre as crianças que via a brincar na rua. Poucos carros passavam, e elas estavam no passeio em frente, bastante largo, sem correrem perigo. Ele, o escritor, também tinha sido criança, há muito tempo, numa outra terra do mesmo país, mas a sua

memória não lhe queria dar uma recordação desses tempos, um facto que pudesse contar, um acontecimento notável e digno de ser relatado.

Que faziam as crianças? Corriam atrás de um cão, um cão manso, paciente, que suportava a curiosidade infantil, um cão ideal para brincar com as crianças. Todo preto, com um pêlo farto, nem muito grande nem muito pequeno, assim-assim. O escritor lembra-se de repente de um cão, mas a lembrança não é agradável. Um dia, na paragem dos autocarros, quando esperava um autocarro que o levasse à estação mais próxima, um cão minúsculo, mas aguerrido, não se sabendo porquê, começou a ladrar furiosamente em sua direcção, tomando mesmo atitudes agressivas, de quem vai saltar a qualquer momento. Foi um dos piores momentos da sua vida. Sentiu um medo terrível, não sabia como proceder, como agir. Que comportamento se deve ter perante os animais, quando a comunicação não se estabelece através de uma língua nem com meras palavras? A sua reacção, contudo, foi instintiva. O medo era tanto que não fez mais do que soltar um grito de raiva, um grito que explodiu em todo o seu corpo, um grito que colocou o cão numa posição de perplexidade, pois o bicho ficou tão atarantado com a reacção animal do ser humano que fugiu com o rabo entre as pernas.

Eis uma boa história para contar, pensou. O fim era surpreendente, quem poderia pensar que um animal tivesse despertado num homem, de uma maneira tão inesperada, o animal que ele também era? E duas personagens já existiam, um homem e um cão. E assim, cheio de energia, esperançado, com o esboço de uma história na cabeça, o escritor dirigiu-se à mesa de trabalho onde permanecia, mudo e paciente, o seu computador. Mas em vez de começar imediatamente com a história desse momento inexplicável de violência, preferiu contextualizar a origem da escrita dessa história, e então começou:

Ele, o escritor, tinha um problema, e um problema sério, mesmo grave. Tinha prometido ao seu editor escrever um conto...etc.

As Cartas

Não teve vontade de sair de casa. As amigas telefonaram, mas ela declinou o convite. Ficava para outro dia. A mãe estranhou. A atitude da filha não lhe parecia muito normal. Dizer que não, num sábado à noite, às amigas que a convidavam para sair, para ir a uma discoteca famosíssima da capital? A filha devia estar doente, foi o que o pai pensou, entretido a ver a televisão, um jogo de futebol, tendo contudo ouvido a conversa ao telefone. Que se passava com a Helena?, foi a pergunta que saltou ao mesmo tempo, em duas consciências diferentes, a do pai e a da mãe. Ambos se olharam com um olhar indescritível, mas um olhar mesmo assim preocupado, de quem sente que algo vai acontecer, algo de muito mau, como uma tragédia.

Mas ela veio sentar-se junto dos pais, na sala de estar, com um sorriso nos lábios. Não estava vestida para sair. Vestia já o roupão, o cabelo repuxado para trás, como quem se prepara para se deitar e dormir.

– Então não te apetece sair? – pergunta-lhe o pai. Fazia-te bem ir espairecer. Depois de uma semana de estudo é sempre bom um pouco de diversão na companhia dos amigos. O que é que se passa?

– Não se passa nada. Estou cansada. – respondeu ela.

A mãe queria dizer alguma coisa, via-se que estava inquieta, mas não se decidia a proferir uma frase, a iniciar uma conversa. De vez em quando o seu corpo sofria uma espécie de espasmo, de quem vai levantar voo, regressando contudo à sua posição normal. O marido percebeu essa aflição, mas já conhecia a mulher, e sabia que a sua esposa era dada a tempestades num copo de água.

O jogo decorria sem grandes acidentes de percurso, que é o mesmo que dizer, sem golos nem tentativas sérias de levarem a bola à baliza do adversário. Um jogo pois sem grande interesse, quase de manutenção.

Ela sentia o pai ao seu lado, sentado no sofá comprado recentemente, ainda com o cheiro da novidade e do que é novo. Sentiu um desejo enorme de lhe pegar numa mão, uma dessas mãos enormes, grandes, mas estranhamente delicadas, que o seu pai tinha. Mas não teve coragem. O jogo de futebol nada lhe dizia. A mãe, sentada na poltrona, olhava para os dois, esquecida do espectáculo televisivo, com um sorriso que mais parecia um trejeito, como se arrependido de ser sorriso, como incapaz de ser um sorriso verdadeiro. A sua família estava toda ali. Um pai e uma mãe. Noutras casas do país estavam ainda os avós paternos, estes lá no norte, a avó materna bem perto, a escassos dez minutos de carro.

– Tu não estás bem, Helena! – diz-lhe finalmente a mãe. O que tens? O que se passa? Abre-te connosco!

– Não se passa nada. Só que não me apetece hoje ir à discoteca. Estou um pouco farta de barulho e de luzes. Prefiro ficar aqui com vocês.

Os pais não podiam acreditar no que ouviam, no que estava a acontecer. A filha devia sem dúvida estar doente. Era o primeiro sábado à noite que isto acontecia, depois de muitos anos, desde que a filha fizera os seus dezoito anos. Helena tinha agora vinte e três anos.

Passava-se alguma coisa? Há um momento na vida das pessoas em que as pessoas deixam a vida falar por elas próprias, um momento raro, raríssimo, às vezes único, que surge para não mais eclodir ou aparecer. Helena atravessava esse momento. Uma voz que não era bem uma voz dizia-lhe coisas que nunca ouvira até então, coisas muito vagas, quase incompreensíveis, coisas que ela não podia reconhecer. Um mundo abria-se à sua frente, ela desconhecía-o completamente, era um mundo indecifrável. O que sentia não era uma indisposição ou um mal-estar, era uma serenidade incomum, um desejo de outra coisa, um desejo quase prazer, um prazer em estar, em viver, em respirar. Ela não sabia o que lhe estava a acontecer. Nunca tinha experimentado esta sensação de paz, de segurança, de profunda realização. As palavras confundiam-se no seu pensamento, mas uma coisa sabia, a busca de sensações, do novo, da novidade, já não significava nada. A discoteca e a sua música, e as suas luzes, mais as pessoas, homens e mulheres dentro de um recinto fechado, parecia-lhe um sonho muito antigo, de uma realidade inexistente ou ultrapassada. Não, não era uma doença o que enfrentava, era a idade que a fazia mulher, mas mulher de um outro mundo, de um outro corpo, de uma outra mentalidade. Estar com os pais, como agora estava, era um prazer. Uma inesperada descoberta. Eles ali estavam, o pai e a mãe, preocupados com ela, quando não havia razão alguma para estarem preocupados. A vida das pessoas muda. A dela, doravante, seria diferente. Não sabia ainda como, mas que seria diferente tinha já a certeza.

– Quem está a ganhar? – pergunta ela ao pai.

– Ninguém, responde-lhe o pai, um pouco chateado com a mediocridade do jogo. Está empatado. E a continuar assim o jogo vai terminar num empate.

A vida não é um jogo, pensa ela, e enquanto pensa vai à mesinha da frente buscar um baralho de

cartas. Sem saber muito bem o que está a fazer, quase sonâmbula de uma vontade que lhe nasce, propõe aos pais:

– Vamos jogar às cartas?

O Discurso do Drogado

Sou um drogado, pois sou, e depois, quem tem que ver com isso? Não vivo num país livre, no mundo da democracia? Não posso fazer o que me apetece? A minha vida não é minha? Vocês não percebem que essas duas ou três horas sob a influência da droga são as que me dão a maior felicidade que jamais tive? Que deixo de ser o miserável que sou para me transformar num sonho, num sonho de um outro homem, um homem como nunca existiu, bom, incapaz de fazer o mal, de se meter na vida dos outros? Tudo o mais é inferno. É a procura quotidiana de mais droga, o corpo a pedir-me paz e gozo, já que viver na lucidez, como vocês dizem, é para mim puro sofrimento. Não aguento as injustiças do mundo, a existência dos pobres e dos ricos, as diferenças sociais, uns que têm tudo e os outros, a grande maioria da população da terra, que nada possuem.

Não, não sei se fui um menino amado pelos meus pais. Acho que sim. Penso que nunca me faltou o amor da família, tudo o que se diz sobre as razões para se viver no mundo da droga é uma mentira. Uma pessoa droga-se para suportar a realidade como ela é. Concordo, devo ser uma pessoa muito frágil ou fraca, pode ser verdade, mas a verdade é que não conseguia viver como os outros, como a maioria das pessoas das nossas sociedades ocidentais. Ir para o trabalho e vir do trabalho, todos os dias de uma semana que nunca mais tinha fim, dava-me náuseas. Trabalhos que não prestam para nada, em que uma pessoa se cansa para depois, no fim do mês, receber um salário miserável. Vocês pensam que eu não sei o que é o capitalismo? Eu tenho estudos. Estudei. Podia até ser um médico ou um engenheiro, ou qualquer outra coisa, mas não quis, não quis fazer parte dos malandros, dos que acham que merecem tudo da vida espezinhando os outros.

Dizem que agora sou uma má pessoa, não só por me entregar completamente ao meu vício, mas também por introduzir a droga nas gerações mais novas. Sim, sim, sou um dealer. Com muito gosto. Com muito prazer. Ganho muito mais a vender droga do que se fosse um bom empregado, ou um trabalhador exemplar, numa firma ou empresa qualquer. E vendo droga a toda a gente. Aos senhores que mandam no mundo, alguns deles até são políticos, como aos mais miseráveis seres que habitam a face da terra, esses homens e essas mulheres que nasceram para ser vítimas. Foi a maneira que achei para sobreviver na nossa sociedade. Ao menos não tenho que mentir ou que concordar com o mal.

Dizem que não terei muitos anos de vida. É possível! Também para o que se anda a fazer neste mundo, não sei se valerá a pena ter uma vida longa. Quanto mais cedo se for, isto é, se morrer, melhor. Deixa-se de sofrer completamente, não se tem que viver na azáfama de mais um dia, nem debaixo das preocupações que nos consomem a existência. Não, eu sinto-me muito bem naquilo que faço. E não me detenho perante os moralismos que tentam atirar-me à cara. Todos nós, de uma maneira ou de outra, fazemos o mal. Foi justamente para evitar o mal que me meti na droga. Não estou a ser coerente? É uma contradição o que afirmo? E isso importa? O que me importa é ter a dose diária de felicidade, aliviar o meu corpo e o meu espírito das tensões quotidianas, sem me

preocupar com os outros ou com o mundo. Os outros e o mundo nunca se preocuparam comigo.

Sim, dizem-me que há outras maneiras de se resolver o problema das nossas vidas. Não conheço mais nenhuma, pelo menos tão eficaz. Sim, porque eu também quis, há muito tempo, quando era um adolescente, mudar o mundo, transformar as coisas que estavam mal nas nossas sociedades e nas relações das pessoas, o que é quase tudo, se pensarmos bem, mas devo confessar que não fui muito longe. Há sempre uma barreira, um obstáculo à nossa frente. Quem manda no mundo tem muita força. Preferível mil vezes colaborar com os donos da droga, que começam agora a comandar no mundo. São os novos patrões, os verdadeiros políticos. Não porque façam leis e finjam que se preocupam com as populações, mas porque dão aos homens e às mulheres o que estes mais precisam. A ilusão de um mundo melhor.

Ainda vejo, de vez em quando, os meus antigos companheiros de luta, como eles gostam de se tratar, operários que trabalham nas fábricas por uma cêdeia de pão, metidos como sardinhas enlatadas nos transportes públicos, sem dinheiro para comprarem um automóvel e muito menos para possuírem um apartamento num desses bairros suburbanos da capital. Alguns olham-me com desprezo, sabem que tenho a minha vida em dia, que comprei uma casa, não muito cara, é verdade, e que ando num carro comprado em segunda mão. Melhor do que nada, para quem não trabalha oito horas por dia amarrado a uma cadeia de produção. Não, sinto-me muito contente com a decisão que tomei. Claro que a qualquer momento posso ser preso, mas os polícias também podem ser corrompidos. Não foi uma nem duas as vezes que tive de resolver problemas dessa maneira. E o mundo continua. Bem ou mal? Mas quem se preocupa com isso?

O Reconhecimento

O homem passeava ao longo da praia, num dia de inverno. Um sol bonito iluminava a extensão branca do areal em frente como o verde azul do mar ao fundo. O mar estava magnífico. Nem parecia que se estava no inverno. Não se viam as ondas revoltas ou altas que costumam infestar a costa em dias de tempestade, antes se via um oceano imenso, a perder de vista, numa ondulação amena e sem furor, a brincar com a costa numa ressaca rítmica e feliz.

Esse homem era um velho. Tinha passado toda a sua vida a trabalhar num navio, mas agora estava reformado. De vez em quando, para não se dizer todos os dias, vinha passear junto ao Atlântico, o olhar perdido não se sabe se na lonjura do horizonte se na infindável história de uma recordação rica de acontecimentos e de vida, a vida de um marinheiro.

Mas agora a vida para ele tinha, em certo sentido, parado. Esperava a morte. Não que estivesse doente, mas uma vez reformado, sem saber o que fazer, inútil numa casa que nem sequer era a sua, pois nunca os seus salários deram para comprar uma casa, os dias transformaram-se numa rotina em que ele, a bem dizer, não tomava parte. O seu trabalho era apenas uma memória. E assim, quando podia, e podia muitas vezes, já que não tinha nada para fazer, e vivia perto, deslocava-se a esta ou a outra praia, em qualquer estação do ano, na esperança de um acontecimento, de qualquer coisa que o libertasse da inacção ou da morte lenta.

É verdade que o seu corpo não era mais o de um jovem. Não se podia comparar, por exemplo, com esses jovens surfistas que abundavam na praia, perdera com os anos e a idade a agilidade, a

força, a capacidade de executar um trabalho com precisão e competência. Mas quando via os jovens a tentar uma onda sobre uma prancha, abanava a cabeça num gesto incompreensível ou incompreendido, pensando na tanta vitalidade que se perdia para nada.

Ainda tentou, um dia, estabelecer contacto com os membros da geração mais nova, mas os resultados foram nulos. Esta jovem malta, pensava ele, não se interessava nem se importava com a experiência marítima de um velho, não era suficientemente curiosa para ouvir o que tinha sido uma vida vivida no mar. O mar dos jovens, hoje, não era o seu mar. Era o pretexto para uma brincadeira, para um passar do tempo, para curtir uma onda, como eles diziam, não mais.

Esse mais, indefinido e não verbalizado, era justamente o que ele possuía dentro de si. Um mar feito de muitos anos e de muitos dias, de muitas manhãs e tardes e noites, um mar que tinha sido a sua casa, o seu local de trabalho, a sua experiência. Nem sequer a aventura de portos longínquos interessava mais a juventude que frequentava a praia, já que o que trazia aqueles jovens às ondas era apenas a excitação, a experiência de um risco, a sensação de um domínio do corpo sobre as forças da natureza.

E assim, quase triste, sozinho, o homem envelhecido passeava ao longo da praia, rememorando os episódios da sua vida de marinheiro, mas só quando mais nada lhe chamava a atenção. Porque quando apareciam na praia, em chusma, os surfistas, ele tinha a curiosidade de ver, de olhar, de presenciar o que eles faziam, estabelecendo uma ténue comunicação com o olhar, já que verbalmente essa conversa, a tentativa de lhes falar da sua vida, tinha completamente falhado.

As vidas das pessoas, pensava ele, não tinham mais interesse. Cada geração tem e vive os seus mitos, as suas ocupações, as suas experiências, os seus próprios enganos. Os velhos deviam emparceirar com os velhos, os jovens com os jovens. Estranho mundo o que se estabelecera enquanto ele andava pelo mar, de porto em porto, de oceano em oceano, ano após ano.

O velho sentia-se sozinho porque nunca tinha casado, pois pensou desde jovem, quando enveredou pela sua vida de marinheiro, e isso foi sempre por ele considerado como um sacrifício, que um homem com a sua profissão não tinha o direito de abandonar a mulher e os filhos por longos períodos de ausência. Uma vida familiar não se pode basear em sucessivas visitas de alguns dias ou de breves meses. É um empreendimento diário. Hoje, sentia-o amargamente, não tinha filhos que pudessem ouvir as suas histórias, que estivessem minimamente interessados na aventura da sua vida. Era como se a sua vida, passada nesses navios que sulcam os mares, tivesse sido inútil. Ela foi vivida, sem dúvida, ela existiu, sem dúvida, mas quando não se tem a possibilidade de transmitir às gerações mais novas essa experiência, alguma coisa se perde. O reconhecimento.

Irreconhecido, um velho marinheiro, aportado a uma terra incompreensível e indiferente ao saber de um passado, nada mais podia fazer que vir olhar o mar, a extensão também irreconhecida e ignorada desse enorme mar, desse enorme volume de águas que se espriam pelo planeta banhando as costas hoje povoadas de gentes que o querem apenas gozar.

Silva Carvalho